

Elogio do escritor caboverdiano Onésimo Silveira

Adelino Torres



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/186>

DOI: 10.4000/ras.186

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2012

Paginação: 183-192

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Adelino Torres, « Elogio do escritor caboverdiano Onésimo Silveira », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 20 novembro 2013, consultado no dia 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/186>

© SASO

Elogio do escritor caboverdiano Onésimo Silveira¹

Adelino Torres

Senhor Primeiro-Ministro
Magnífico Reitor da Universidade do Mindelo
Senhor Ministro do Ensino Superior, Ciência e Inovação
Senhor Ministro da Defesa
(*Outras altas individualidades*)
Senhoras e Senhores
Estimados amigos,



É para mim uma grande honra participar na homenagem ao Doutor Onésimo Silveira. Esta oportunidade dá-me justificada alegria por duas razões: pessoais e profissionais.

No primeiro caso, porque se trata de um companheiro que encontrei pela primeira vez há cerca de cinquenta anos e que, desde então, tenho revisto a espaços, sempre com renovado prazer.

No segundo caso, pela excepcional qualidade do homenageado, como distinto homem de letras, poeta, escritor e ensaísta, características que fazem dele um dos grandes intelectuais contemporâneos, não apenas de Cabo Verde, mas da língua portuguesa como tentarei demonstrar a seguir.

Começando pelas razões pessoais: conheço o Doutor Onésimo Silveira desde os tempos já longínquos da Argélia, onde ambos estivemos exilados logo a seguir a este país ter conquistado a sua independência no início dos anos 1960.

Encontrámo-nos mais tarde em Paris e, se ele se lembra ainda, no café Lutèce no bd St Michel, onde até falámos de muita coisa (mas agora sou eu quem não se lembra do resto). Vimo-nos de novo,

•

1. Oração de sapiência proferida na cerimónia do "Doutoramento Honoris Causa" do Embaixador Doutor Onésimo Silveira, na Universidade do Mindelo (Cabo Verde), em 8 de Dezembro de 2012.

fugazmente, em Moçambique, em 1986 se não estou em erro, quando Onésimo Silveira era Embaixador da ONU para os refugiados e eu integrava uma missão da Universidade Técnica de Lisboa junto da Universidade Eduardo Mondlane.

Mais tarde, já nos anos 2000, os nossos caminhos cruzaram-se de novo quando Onésimo Silveira era Embaixador de Cabo Verde em Lisboa e eu fazia parte do grupo de pessoas que tiveram a sincera alegria de o receber como novo membro da *Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, então presidida pelo Professor Adriano Moreira.

Portanto, cruzámo-nos repetidamente em quatro países diferentes ao longo de 50 anos, o que é mais do que simples “coincidência” . . .

É claro que a maioria desses encontros, sobretudo os últimos, se fez em situações pessoais diferentes: ele nas altas esferas da diplomacia internacional, e eu incorporado nas tropas modestas do professorado sem influência e até, confesso, feliz por não a ter.

Também não foram simples “coincidência” esses reencontros, porque trilhámos, cada um a seu modo, caminhos com pontos comuns e objectivos similares que enumero:

- Ideais pela libertação de África;
- Luta contra as injustiças feitas ao continente africano;
- Defesa, em todos os momentos (e até hoje) das ideias de liberdade, de democracia humanista;
- Partilha do património que pertence a todos aqueles que ainda se lembram do que foi o colonialismo e que dele não têm boas recordações.

Portanto, esses encontros, mais do que “coincidência”, resultavam sim de objectivos que no essencial convergiam, ainda que por vias distintas e níveis de participação diferentes, como já disse. Isso era válido tanto nos anos 60-70 como ainda na actualidade, mesmo se o mundo se transformou e a realidade internacional se reveste de características que exigem novas abordagens.

Com todas as suas vantagens e inconvenientes, a globalização dentro da qual agora vivemos favoreceu um melhor conhecimento entre os homens, quer dizer o conhecimento do “outro” — o que, com todas as suas limitações, é bem melhor do que o preconceito gerado na ignorância do que está para além de nós, enquanto indivíduos.

Também é certo que o surgimento desta globalização actual alimentou de algum modo o progresso e universalização da ciência, ao mesmo tempo que esta foi favorecida por aquela. Por exemplo a evolução e divulgação das conquistas da biologia científica, atirou definitivamente certos conceitos para o museu de antiguidades, impedindo interpretações metafísicas, por assim dizer, que antes justificavam arbitrariedades utilizadas por certas ciências, como por exemplo a velha “Antropologia Física” de má memória (medição de crânios em África à procura de inferioridades e patologias, etc.).

Assim aconteceu com o conceito de “raça” (com todas as consequências pseudo-filosóficas e sociais que esse conceito há muito obsoleto veiculava) ainda que esse termo tenha sido conservado — erradamente — na linguagem corrente sem nenhuma conotação especial, mas ao qual será um dia necessário encontrar um conceito equivalente, porém sem a carga histórica que caracteriza a palavra “raça”.

Sabe-se hoje de fonte segura, graças aos avanços da ciência, que na “espécie humana” não existem “raças” mas apenas uma: o homem, dito *homo sapiens*, independentemente da região onde nasceu, do Pólo Norte ao Pólo Sul, do Oriente ao Ocidente. Não se trata de idealismo mas, pura e simplesmente, de biologia comprovada cientificamente e já levada ao conhecimento do mundo graças aos avanços das novas tecnologias.

A diferença entre homens de aparência étnica diferente, em vez de ser vista como uma riqueza que a variedade sempre contém, era perversamente interpretada como uma justificação das desigualdades sociais e políticas, à luz de uma teologia ignorante, que por vezes nem sequer conhecia Tomás de Aquino e outros grandes pensadores da Igreja, ou à luz de um pensamento político e científico retrógrados que vigorou durante séculos.

Se querem um exemplo, experimentem fazer hoje, depois das mutações científicas que tiveram lugar nas últimas décadas, uma transfusão de sangue entre um chinês, um índio da Amazônia, um europeu, um asiático ou um africano. Desde que o tipo de sangue seja o mesmo, tudo se passará bem e o paciente pode voltar para casa. O ser humano é igual em todas as latitudes, apesar das diferenças culturais e históricas.

Mas ousem fazer essa transfusão entre um homem e um ser *de outra raça* (por exemplo, um crocodilo) e rapidamente constatarão que o mesmo paciente, em vez de alegremente voltar para casa, tomará com menos alegria outro destino, que será provavelmente mais definitivo. . .

É certo que a globalização tem também efeitos negativos, como acontece, no plano económico, com a actual predominância do poder financeiro internacional que também usufrui das novas tecnologias para determinadas acções que desconhecem a ética, mas não me atardarei sobre esses pontos, embora eles estejam presentes no pensamento de Onésimo Silveira.

Relativamente à importância da sua obra, sublinho alguns aspectos que me parecem reveladores.

Quando recebi o convite para participar nesta sessão de homenagem, li ou reli grande parte do que escreveu. E apesar da admiração que já tinha, devo confessar que fui surpreendido. Na obra poética, desde logo, reencontrei a densidade de um pensamento que revela, hoje como ontem, a par de um estilo apurado e literariamente bem cinzelado, a voz poderosa de um poeta, inquieto e revoltado que vai além do que se convencionou chamar “intervenção social” e cuja poesia é um grito de indignação que lhe suscita o sofrimento de todo um povo nos anos 50 do século passado, numa busca, desde muito cedo, da *verdade* por detrás das aparências com base num salutar inconformismo, como é visível no poema intitulado “Lema” onde é dito:

*Atrás dos ferros da prisão
é preciso levantar os braços algemados
contra a prepotência*

ou ainda no poema “Hora grande”, onde com forte simbolismo poético se pode ler:

O negreiro está perdido na légua do tempo

*porque a alma das nossas vozes
não morrerá no fundo dos porões. . .*

*A fome não se alimentará da fome
e voaremos nas asas do sol
com o destino na palma da mão!*

A **palavra** é manifestamente a sua arma e ele maneja-a como um guerreiro digno descendente dos *claridosos*, que (como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Aurélio Gonçalves, Gabriel Mariano e muitos outros) serão sempre uma glória para Cabo Verde e que, desde essa época, não têm émulo em mais nenhum território africano de língua oficial portuguesa: enfim, uma geração exemplar da cultura cabo-verdiana e universal, num país onde, ao contrário de outros, a nação precedeu o Estado.

Onésimo Silveira descobre, desde muito jovem, uma realidade que alguns ignoravam e sobre a qual outros se debruçavam com indiferença, por “egoísmo” ou porque julgavam “natural” essa dita “fatalidade do destino” contra a qual seria inútil revoltar-se.

Noutro dos seus poemas, intitulado “Lágrimas do mar”, o lirismo transparece de novo com vigor no recurso sugestivo da acção da natureza:

*As ondas
que vêm morrer nas encostas das nossa ilhas
não são ondas:*

*são lágrimas
que o mar chora
pelos sobreviventes de dez barcos petrificados
que há mil anos estão a pedir socorro. . .*

Os seus versos, cujo realismo e força poética são evidentes, arrancam a máscara da aparência e trazem à luz a face oculta de um sofrimento visível ou velado que marca a ferro e fogo a tragédia de um povo e de uma nação com uma identidade própria que mais tarde ele analisará no plano científico, embora seja verdade, como escreverá no seu livro *A democracia em Cabo Verde*, que “poucos são os povos cujo passado não esteja pontuado de tragédias” [2005: 66].

Essa poesia de protesto social e de reivindicação da identidade de uma nação maltratada, estava já patente nos cinco poemas finais do livro em prosa *Toda a gente fala sim senhor*, publicado na saudosa colecção Imbondeiro, em Luanda, no seu Caderno nº 9 dos anos 50 do século passado, colecção que se deveu à iniciativa abnegada de Leonel Cosme e Garibaldino de Andrade, cujo trabalho editorial pioneiro se prolongou durante vários anos. Ainda hoje possui muitos desses cadernos.

O grito dos versos encontra-se de novo no livro de poemas *Hora Grande* (1962), cuja jovem editora de vida efémera era dirigida por Ernesto Lara Filho e Inácio Rebelo de Andrade, na cidade angolana que se chamava então Nova Lisboa, hoje Huambo.

Para acrescentar outra “coincidência” às anteriormente referidas, tanto o Ernesto Lara Filho como o Inácio Rebelo de Andrade contam-se também entre os meus companheiros. O Ernesto faleceu mais tarde, depois da independência de Angola. O Inácio continua a publicar romances com a regularidade de um relógio que domina o tempo, com a exigência e qualidade que honrariam Angola se esta desse por isso.

Quanto à obra poética de Onésimo Silveira, o livro *Hora grande* foi posteriormente integrado, em 2008, num outro seu livro com o belo título *Poemas do tempo de trevas*, publicado no Mindelo pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

No romance, destaco *A sage das as-secas e das graças de Nossa Senhora*, editado em Lisboa em 1991 (Edições Europa-América). Já esgotado, aguarda uma merecida reedição em Lisboa ou em Cabo Verde.

Oxalá os ares salutareis do Mindelo permitam ao escritor produzir muitas outras obras (ou tirá-las porventura da gaveta). Pelo menos até aos 100 anos o Mestre tem muito tempo para o fazer, como todos esperamos. . .

Relativamente aos ensaios, só recentemente tive o ensejo de ler os seus dois livros principais. Estes só por si seriam suficientes para lhe conferir uma justa nomeada internacional se as editoras e a distribuição livreira cumprissem a sua função, o que infelizmente não acontece.

Depois de os ler, posso dizer agora, com veemência, que o seu livro *África ao Sul do Sahara. Sistemas de partidos e ideologias de socialismo*, escrito em 1976, foi um dos livros mais importantes, na área do desenvolvimento africano, que até hoje foram publicados em Portugal e, porventura, atrevo-me a dizê-lo, em qualquer outra língua. Pena foi que em 1976 ele não tivesse conseguido uma tradução imediata e que só o tivéssemos conhecido quando foi finalmente editado em 2005. A Democracia em Cabo Verde, ultrapassa por sua vez o âmbito sugerido pelo título, pois a sua leitura revela um interessante e original estudo (ou melhor: um conjunto de estudos) em ciência política muito mais abrangente do que o título indica.

Vou deter-me um pouco sobre o livro *África ao Sul do Sahara* e sobre esta data (1976), por razões que explicarei já.

Na data de 1976, em primeiro lugar, em que foi escrita essa tese, detecto mais uma “coincidência” pois foi justamente nesse ano que regressei a Portugal e me integrei em equipas de investigadores que tratavam essa mesma temática do desenvolvimento africano. Por isso me lembro bem. E se o refiro aqui é justamente pela importância desta data no plano dos estudos científicos do desenvolvimento e das relações Norte-Sul, tanto em Portugal como no resto da Europa.

Foi precisamente nos anos 70 que o debate sobre o desenvolvimento atingiu o seu auge, tanto na França do pós “Maio 1968”, como em Portugal no pós “25 de Abril 1974”

Diversas correntes do pensamento defrontavam-se então. As visões liberal e neo-liberal, hoje triunfantes, eram então molemente defendidas e a sua intervenção fraca no debate de ideias, com excepção do notável Raymond Aron.

As correntes marxista (*ortodoxa*) e neo-marxista (chamemos-lhe heterodoxa) dominavam na Europa de então, mas também na África e na América Latina. Haveria certamente um pensamento

asiático mas que não circulava nos circuitos editoriais ocidentais. Só me recordo de um autor indiano, de nome Panikkar, que escreveu uma obra reveladoramente intitulada *A Ásia e a dominação ocidental*, publicada em França em 1953. Não me refiro, bem entendido, a autores como Mao Tse Tung que saíam do âmbito específico dos estudos universitários do desenvolvimento propriamente dito.

Os autores que se situavam nesta área da investigação, como Samir Amin, Gunder Frank, Rodolfo Stavenhagen, etc., faziam parte da “Escola da Dependência” neo-marxista, e sobrepunham-se em popularidade aos restantes autores. Mais moderados, ou pelo menos assim considerados, eram Celso Furtado e Fernando Henriques Cardoso. Celso Furtado chegou mesmo a ser apelidado de “maior economista do mundo” pelo jornal francês *Le Monde*, num acesso de entusiasmo talvez excessivo para um jornal habitualmente mais circunspecto.

Uma das diferenças principais (mas não a única) entre os autores marxistas ditos *ortodoxos* (tendência Moscovo, digamos) e os neo-marxistas *heterodoxos* era de que os primeiros advogavam a passagem do subdesenvolvimento à fase do capitalismo antes de chegar ao socialismo propriamente dito, enquanto que os segundos, tinham o argumento de que o “imperialismo” nunca consentiria no desenvolvimento real dos países do chamado Terceiro Mundo (gerando o que Gunder Frank chamava com algum fatalismo: o “desenvolvimento do subdesenvolvimento”), pelo que a única via era passar directamente do subdesenvolvimento ao socialismo saltando, portanto, a fase da construção do capitalismo.

Hoje, com o surgimento dos novos *países emergentes* que se “desenvolveram” em vez de se “subdesenvolverem” como era vaticinado, apercebemo-nos melhor dos limites de certas análises idealistas ou materialistas e da precariedade do conceito de “certeza” que Karl Popper não se cansou de criticar.

No entanto, no meio da poeira levantada e das nuvens de pólvora que tudo envolviam, os contendores não conseguiram livrar-se de dois problemas.

Primeiro problema: Bill Warren — um jovem marxista inglês talentoso que faleceu prematuramente — demonstrou de maneira coerente (in *Imperialism: Pioneer of Capitalism*, 1980), que os neo-marxistas da “Escola da Dependência”, ao suprimirem a etapa “capitalista”, entraram directamente em contradição com a teoria de Marx expressa, quer no *Manifesto* quer noutras obras. De facto, Marx dissera no início do *Capital* que os países desenvolvidos (capitalistas) mostravam aos países menos desenvolvidos a imagem do seu próprio futuro.

Então como passar, sem incoerência ou contradição, por cima desta etapa? Não conheço nenhuma resposta convincente. . .

Segundo problema: Ninguém sabia (e continua a não saber, aliás) como seria, concretamente, esse “socialismo” que o próprio Marx se recusou a descrever, para que a sua obra não fosse confundida com a dos socialistas “utópicos”: Saint Simon, Charles Fourier e Robert Owen que tanto criticou, ou, numa outra perspectiva, com a obra de Proudhon que, aliás, foi cruelmente (e injustamente) tratado por Marx na sua *Miséria da Filosofia em resposta à Filosofia da Miséria* de Proudhon. . .

Por isso, o *Capital* de Marx não é, como alguns ainda julgam, a descrição do que seria o *socialismo*, mas sim a desmontagem do capitalismo existente e empiricamente observável, ou seja não era a demonstração do que o socialismo *deveria ser*, mas sim aquilo que ele *não poderia ser*. A sua análise é

“científica” na medida em que Marx se apoiava sobre o que era observável no seu tempo, através de dados empíricos, retirados nomeadamente da industrialização da Inglaterra. A validade epistemológica dessa “cientificidade” é uma outra questão fora deste contexto. . .

Isso não deve ignorar a justeza da crítica que era feita ao colonialismo e à sua lógica interna de exploração e de injustiça, crítica levada ao extremo por Franz Fanon no seu famoso e controverso livro *Os condenados da terra*, com o célebre e não menos controverso prefácio de Jean-Paul Sartre. E digo “controverso”, porque ainda está em discussão se o livro *Os condenados da terra* foi positivo ou negativo para a causa africana, independentemente da sua retórica e valor argumentativo.

Mas se, mais tarde, a prática demonstrou a falência das experiências ditas “socialistas” em África (Guiné Conacry, Angola e outros), para as quais o pensamento *ortodoxo*, pela sua rigidez unilateral e dogmática, não teve resposta perante a complexidade surpreendente de uma situação histórica, antropológica, política, que em África escapava a todas as axiomáticas pré-determinadas (*ortodoxas* ou *heterodoxas*), também ficou claro que a “Escola da Dependência”, a despeito da sua criatividade estimulante em muitos aspectos, e de novos caminhos abertos à percepção das relações internacionais, também se revelou impraticável (por razões internas e externas ao continente) para apreender a complexidade africana ou transformar o subdesenvolvimento em desenvolvimento.

Desse descrédito resultou, a partir dos anos 80 (Regan e Thatcher) e sobretudo depois da queda do muro de Berlim e da implosão da URSS, a vitória do ultra-liberalismo, expresso na globalização financeira que Karl Polanyi já tinha denunciado em 1944 no seu genial livro *A grande transformação* (Lisboa, Edições 70, 2012). Porém, tudo indica que esta vitória do liberalismo é talvez uma vitória “de Pirro”, como o demonstra já a crise financeira internacional começada em 2008 e que ameaça actualmente o euro e a União Europeia, cuja bancarrota poderá arrastar com ela, por contágio, os próprios países emergentes (China incluída), apesar das aparências em contrário.

Volto mais uma vez à data de 1976, em que a tese de Onésimo Silveira foi defendida. O que pretendo sublinhar é, creio, importante no plano científico. Nessa época todas as equipas de investigadores europeus estavam mergulhadas nos debates entre as *ortodoxias* e as *heterodoxias* já referidas, nas divisões entre o Norte e o Sul ou noutras questões mais laterais. A África era um dos laboratórios de experimentação distante no qual uns e outros aplicavam os seus instrumentos teóricos preconcebidos, nem sempre atendendo às nuances e subtilezas de uma empiria diferenciada entre os países africanos com identidades e histórias que se distinguiam profundamente, como Onésimo Silveira o sublinha com originalidade e rigor, afastando as análises estáticas tradicionais e demonstrando que a história de África teve desde sempre dinâmicas próprias, contrariamente aos preconceitos coloniais e à conhecida afirmação de Hegel, segundo o qual a África seria um continente fora da história. . .

E se é justo distinguir alguns grandes nomes que alertavam já para aspectos que era necessário tomar em consideração — como por exemplo a existência de uma verdadeira filosofia africana de que quase ninguém na Europa suspeitava a existência, a obra de Placide Tempels, na sua filosofia bantu, deu inesperradamente relevo a esse facto novo, a começar pelo seu título altamente subversivo em 1954!

A evolução dos últimos cinquenta anos é notória, sobretudo depois dos anos 80, com o aparecimento de novos filósofos africanos, muitos deles de envergadura. Depois de Nkrumah, de Cheik Anta

Diop e de Léopold Senghor, surgiram igualmente Kwame Appiah, Paulin Hountondji, Kwame Gyekye, Kwasi Wiredu, Elungu, Issiaka Lalèyê, Achille Mbembe, etc.

Novas problemáticas ou pelo menos novos tratamentos de antigas problemáticas viram a luz do dia tratadas por pensadores africanos, como por exemplo o papel do Estado em África e as teorias de Thomas Hobbes sobre o “Estado Leviatã”, a dificuldade em apreender a questão do Poder, ou distinguir o indivíduo da *Comunidade*, o “eu” relativamente ao “nós” que uma visão etnocêntrica distorcida tinha praticamente ignorado, e que muitos pensadores africanos continuam a ignorar, aliás.

Ora o que a leitura retrospectiva da *África ao Sul do Sahara*, de Onésimo Silveira, nos leva a reconhecer é que, *já em 1976, ele estava 20 ou 30 anos à nossa frente*, pois em relação às escolas de pensamento e a muitos dos grandes autores já referidos, Onésimo Silveira já se tinha dado conta que os problemas culturais e do desenvolvimento em África encerravam uma complexidade que não se conformava com ortodoxias ou heterodoxias nem com espaços ideológicos frequentados por doutrinas então em voga. Nem os dogmatismos nem os “libertarianismos” de raiz ocidental se adaptavam às diversas Áfricas e às diferentes tradições históricas e culturais que constituíam o vasto e diverso mosaico africano. Este, longe de ser estático e monolítico, encerrava dinâmicas durante demasiado tempo ignoradas. Esses problemas colocam-se com igual pertinência nos nossos dias.

Por outro lado, as consequências, tanto das correntes *ortodoxa* como *heterodoxa*, colocavam-nas em relação ao resto do mundo — ou seja, o Ocidente — numa perspectiva de confrontação e não de diálogo interdependente. Sem esse diálogo (que o próprio Ocidente recusou ou não alimentou, é preciso reconhecer-lo) a ruptura era inevitável. Nessa atmosfera de confronto perdeu-se de vista a coerência e as teorias ficaram inacabadas, umas por ignorarem a realidade, outras por a idealizarem à maneira de Hegel.

Em conclusão, nenhuma vertente conseguiu resultados tanto no plano prático como no plano teórico. Daí o lugar excessivo das ideologias na análise do desenvolvimento, de que será mais tarde exemplo a transferência de tecnologias inadequadas, a interpretação enviesada da *modernidade*, confundida apressadamente com “ocidentalização” e esta com “neocolonialismo”, todos vistos sem outra forma de processo como perigos mortais para a “tradição” (evidentemente necessária mas sempre conservadora).

Também nestes pontos, a análise de Onésimo Silveira é lúcida e descomplexada, muito à frente das teses formuladas nos anos 70 do século passado. E ainda hoje pode ser entendida como uma abordagem profícua para a leitura de uma “sociedade aberta”, para parafrasear Karl Popper.

Para se fazer uma comparação, é um pouco como quando se discutem hoje na Europa os problemas da União Europeia, onde alguns falam de sair do euro, outros de expulsar a Grécia, outros ainda de “castigar” a Europa do Sul acrescentando à austeridade mais austeridade. Repete-se a história do homem que queria fazer economias na ração do seu cavalo, e foi cortando, cortando até que um belo dia o cavalo morreu.

Assim vai a confusão de ideias que grassa por toda a parte na Europa da actualidade, a qual esquece que, como disse há algum tempo um antigo ministro que sabe pensar (também acontece!), “se a Europa implodisse como projecto, o Ocidente implodiria como ideia”².

•

2. Cf. Luís Amado *Conversas sobre a crise: Portugal, a Europa e o mundo*, Dom Quixote, 2012, p. 45.

No quadro desta globalização, o diálogo Norte-Sul referido por Onésimo Silveira mantém a sua actualidade e coerência intrínseca, necessariamente em termos diferentes dos de há 50 ou 60 anos, nas vésperas das independências africanas. Porque hoje nenhuma corrente de opinião, nenhum país ou região do mundo pode pretender deter o monopólio da *verdade* doutrinal. Se os Estados reconhecerem essa limitação no contexto interdependente de uma globalização menos desigual, o valor supremo da liberdade tem condições para sobreviver. Será então possível uma melhor intervenção reguladora dos Estados, inserida num pensamento “aberto” em constante renovação, o que é cada vez mais vital para o mundo.

O ultra-liberalismo financeiro e a sua “teologia de mercado” e de “pensamento único”, de que falou o professor Adriano Moreira — com a autoridade de quem é, em ciência política, provavelmente o maior pensador português dos últimos cem anos — é uma ideologia suicidária para o Ocidente e para os países do Sul, sendo preciso, com urgência, obrigá-la a arrepiar caminho antes que seja tarde. É preciso não perder de vista, como disse Alain Touraine, que o capitalismo financeiro dominante “acumula, não produz nada”.

Também é preciso clareza de pensamento nos países do Sul. Antes de se regozijarem com uma eventual bancarrota do Ocidente, devem saber que esse acontecimento os arrastaria inevitavelmente pelo mesmo caminho, o que inclui os próprios países ditos emergentes.

Muitos destes problemas não escaparam a Onésimo Silveira, que os sugere já com subtilidade e profundidade, rejeitando as leituras ideológicas de ontem e apontando para uma leitura fina e a vários níveis dos contactos entre a África e a Europa, entre Cabo Verde e Portugal, países que se assemelham mais do que muitos outros, tanto na experiência da diáspora como na abordagem universalizantes das situações nacionais respectivas ou na situação excêntrica em que se encontram em relação aos continentes a que pertencem pela geografia. Só é preciso sabermos que a geografia não é um determinismo que condiciona tudo. . .

Por isso se justifica o repensar de uma cooperação — sobretudo devido à extraordinária interdependência entre todos os países do mundo — uma cooperação que, tendo embora a dimensão inevitável (e natural) dos interesses, contenha do mesmo passo a conjugação dos destinos. Não se trata de “idealismo” mas de vontade realista com fundamento histórico para o futuro. Porque, por vezes, é preciso arrancar a pele aos factos para descobrir o que está por baixo.

Ao tentar pôr em relevo a singularidade da obra de Onésimo Silveira, desde uma poesia humanista e profunda a um trabalho de alto recorte analítico que a completa (especialmente em *África ao Sul do Sahara* mas também em *A democracia em Cabo Verde*), estou a falar de um pensador original e de primeiro plano no espaço de língua portuguesa, e mesmo para lá deste no que concerne ao tratamento teórico interdisciplinar dos problemas do “desenvolvimento”.

Que o primeiro livro, mais antigo, tenha conservado a frescura e o tom justo ao longo de quase 40 anos é um feito singular, talvez único entre as obras sobre essa temática de que tenho conhecimento,

facto que merece ser assinalado para orgulho de Cabo Verde e da língua portuguesa, e para regozijo de todos aqueles que prezam a coragem do *pensamento*, a exemplaridade do *método científico* e a procura da *verdade*.

Não tenho conhecimento de muitas distinções *Honoris Causa* tão merecedoras, como aquela que é agora atribuída a este grande intelectual que é o Embaixador Doutor Onésimo Silveira, para honra e mérito da Universidade do Mindelo e deste país.

Muito obrigado.

Adelino Torres

[Prof. Catº Jubilado do ISEG (UTL)]

Prof. Catº da Universidade Lusófona de Lisboa]